



## SOMOS MANIPULÁVEIS?

Há na maioria de nós a ilusão que temos a capacidade de decidir sobre a nossa vida, que vivemos em democracia e em liberdade. Como podemos decidir sobre a nossa vida se estamos condicionados de mil formas a coisas que não controlamos? Impostos, decisões políticas, decisões empresariais, marketing que nos programa mentalmente, desinformação através de ausência de informação, má informação ou excesso de informação, horários, regras de todo o tipo. Como podemos dizer que vivemos em democracia quando as acções superiores não respeitam minimamente programas e promessas eleitorais? Como podemos dizer que vivemos em liberdade quando trabalhamos para comprar o que pretensamente necessitamos, onde o tempo para nós, pela competitividade escasseia, ou é nulo, e repetimos o ciclo diário, mês após mês, ano após ano, e se decidimos agir em contra ciclo somos agredidos de todas as formas, desde as mais óbvias e claras até às mais insidiosas? Há animais em cativeiro que vivem assim.

Há duas formas de desenvolver rapidamente riqueza. Uma é através do uso dos impostos, criando impostos novos, aumentando os existentes e criando outros que duplicam a tributação já feita de uma forma indirecta. Observem que pagam imposto para adquirir o carro, imposto para circular, imposto para estacionar, imposto para o combustível, seguro que nunca cobre efectivamente o valor do carro, e ... Outra é através da manipulação do mercado de valores criando-se eventos que permitam através de estratégias de sobrevalorização de acções ou pela sua desvalorização, garantindo que testas de ferro possam efectuar negócios com lucros fabulosos, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres.

Imaginemos uma situação fictícia.

Um grupo de indivíduos decidem encaixar uns milhões extras para poderem enriquecer mais, pois isso é leitmotiv da vida deles, afogarem-se em dinheiro. Um propõem ao dirigente de um grupo bancário que ele seja teatralmente “afastado” face ao que ele tem feito de tralfulhices e assim poderem todos beneficiar dessas tralfulhices, ou seja lucrarem duplamente. É encenada uma demissão e fingida uma luta interna dentro da família daquele banqueiro. Anunciam-se algumas da tralfulhices para dar alguma credibilidade à peça de teatro. O indivíduo é afastado, e isto quer dizer na realidade que passa a agir antes nos bastidores. As acções começam a cair. Espera-se que elas cheguem a um valor interessante e entretanto surge uma notícia que garante um encaixe do Estado (leia-se um novo imposto sobre a população) para cobrir o buraco do Banco pois se ele for à falência ou houver uma corrida às contas a “economia” pode ficar fragilizada. As acções passam a subir. Os testas de ferro adquirem as acções através de oferta superior ao que o pequeno accionista pode dar e assim adquirem a preço de saldo acções que ao valorizarem, por exemplo vinte, trinta, ou ainda mais por cento faz o grupo ganhar uns milhões. Em alta e pelo excesso de procura fazem aquilo que se designa pela mais-valia, vendendo a pequenos accionistas, ou a empresas de fachada as acções tão cobiçadas. O banqueiro fica na mesma pois passou a gerir da retaguarda as acções, umas novas personagens são nomeados para postos importantes, premiando lealdades políticas e assim lucraram aquilo que saiu de novo dos bolsos dos incautos.



Na arte da Guerra, a simulação, a informação e a contra-informação, os danos colaterais, assassino político, terrorismo militar ou psicológico, acções de guerrilha ou de destruição em massa, estabelecimento de alianças verdadeiras ou fictícias são ferramentas de qualquer dirigente militar, estratega, para obter os seus intuitos, que não são ganhar uma batalha mas alcançar a vitória final. Pensar que são todos samurais educados e gentis que sabem respeitar a dor e a derrota do inimigo, é uma ideia ingénua. A verdade é que uma parte significativa das vezes quem vive ou morre é indiferente para os que estão em cima, e não me repugna a ideia que há quem se compraza com o sofrimento e a morte de milhares ou milhões – é que o mal, acreditem ou não, existe, e infelizmente ainda somos demasiadamente manipuláveis para conseguirmos corrigir esta loucura.

Lisboa, 3 de Julho de 2014